

Lebensóis

por Álvaro Chaves Rosa

1. O princípio do Lebensohl.

A convenção Lebensohl, que na sua forma original é utilizável pelo *parceiro do abridor em 1ST*, após uma intervenção *natural* ao nível dois, abriu o caminho para uma multitude de convenções ou tratamentos que, sendo aplicáveis em situações bastante diferentes, têm em comum com ela um princípio, a que podemos chamar o *princípio do Lebensohl*. Consiste ele em *prescindir* do significado *natural, não forcing*, da voz de 2ST, para, mediante uma utilização artificial da mesma, permitir diferenciar a força, e outras características, de diversos tipos de mãos. Pode acrescentar-se que a voz de 2ST serve, de um modo geral, como passo intermédio para anunciar as mãos *mais fracas*, sendo as mais fortes anunciadas directamente (ao nível 3).

Como sempre acontece em situações deste tipo, a opção por esta utilização artificial em prejuízo do significado natural baseia-se num critério de *frequência de utilização*. É verdade que algumas mãos seriam perfeitamente descritas por uma voz natural e bem quantificada de 2ST, e que, não dispondo da mesma, necessitaremos de optar por uma descrição menos adequada; mas em contrapartida, o esquema artificial adoptado permite, de uma forma simples, fazer uma descrição mais perfeita *de um grande número de mãos*.

2. Após intervenção natural ao nível 2 sobre 1ST.

Começarei por analisar o Lebensohl “propriamente dito”, que como já referi se aplica quando o nosso parceiro abre em 1ST (forte ou fraco, tanto faz) e o adversário da direita intervém em naipe natural ao nível dois.

Num esquema clássico (“sem Lebensohl”), as vozes de que dispomos (até 3ST) são:

- dobre (classicamente *punitivo*, mas com tendência moderna para usar como *chamada*);
- vozes fracas naturais ao nível 2 (nos naipes possíveis, i.e., mais caros que o da intervenção);
- 2ST natural, convite;
- vozes forcing naturais em novo naipe ao nível 3;
- *cue-bid* do naipe da intervenção a servir de *Stayman*, forcing de partida.

Este esquema *não permite*:

- a) anunciar unicolores fracos em naipes *abaixo* do da intervenção;
- a) anunciar unicolores com força de *convite*;
- a) distinguir, em mãos forcing de partida com ou sem 4 cartas no(s) rico(s) não anunciado(s), se se tem ou não *pega* no naipe adversário.

Para concretizar ideias, consideremos, sobre 1ST (15-17) vulnerável do nosso parceiro, uma intervenção não vulnerável em 2, e vejamos alguns exemplos de mãos problemáticas:

Mão 1	Mão 2	Mão 3	Mão 4
973	RD9874	A92	AD92
852	85	85	85
DV10842	D104	DV42	V42
10	106	R1065	R1065

Com a mão 1, “apetece” competir em ouros, mas 2 é “voz insuficiente”, e estamos longe de poder marcar 3 *forcing*.

Com a mão 2 gostaríamos de mostrar as espadas longas e *convidar* a partida. Infelizmente, temos que escolher entre o ligeiro “*underbid*” de 2 e o ligeiro “*overbid*” de 3, não havendo voz intermédia.

Com a mão 3, a mensagem que gostaríamos de transmitir ao abridor é: “tenho força para 3ST, mas não seguro as copas”. (A mão não é adequada para o *dobre*, principalmente se usado como punitivo). Na prática, o jogador com este tipo de mão acaba por “fechar os olhos” e marcar 3ST, confiando no parceiro para travar o naipe adversário.

Na mão 4, o problema é semelhante, mas com a *nuance* de se poder mostrar 4 cartas de espadas (com um *Stayman cue-bid*). O problema agora é transposto para o parceiro, que, quando não tem fit a espadas (caso contrário não há problema) e *não tem pega* no naipe adversário, não sabe o que há-de fazer (por exemplo, com R105 V74 AR83 AV84). Na prática tem que marcar 3ST, confiando que seja o parceiro a ter essa pega (pois nada no leilão excluiu essa hipótese, e se ela existir revelar-se-á absurdo ter ultrapassado o contrato de 3ST).

Como se irá ver de seguida, o Lebensohl permite suprir estas insuficiências, pelo menos parcialmente. O esquema mantém o significado de grande parte das vozes clássicas (nomeadamente o dobre e as vozes em novo naipe ao nível 2 ou 3), mas distingue-se pelas seguintes características essenciais:

- 2ST é uma voz artificial que *obriga* o abridor a marcar 3, com as seguintes continuações possíveis por parte do respondente:
 - ⇒ *passse*, com um unicolor fraco em ;
 - ⇒ *novo naipe ao nível 3*: natural, sendo *fraco* se o naipe não estava disponível ao nível 2 (por causa da intervenção), e sendo *convite* no caso contrário;
 - ⇒ *cue-bid*: Stayman, *sem pega* no naipe adversário;
 - ⇒ *3ST*: natural, mas *sem pega* no naipe adversário;
- o *cue-bid* directo mantém o significado de Stayman, mas *com pega* no naipe adversário;
- 3ST directo é para jogar, garantindo também pega no naipe adversário.

Repare-se que a utilização da voz de 2ST permite ao respondente *competir em qualquer naipe*, com uma mão unicolor fraca. No caso da mão 1, daria 2ST na intenção de, sobre 3 do abridor, completar a descrição com uma voz de 3.

Nalguns casos é possível mostrar um unicolor com força de *convite*. Por exemplo, com a mão 2, dar-se-ia 2ST seguido de 3. A voz de 2 seria mais fraca, e a voz *directa* de 3 seria forcing. Mas a mesma possibilidade já não existe se o naipe for *abaixo* do da intervenção: sobre a intervenção em copas, não há maneira de mostrar um unicolor menor com força de convite, tendo que se optar entre mostrar uma força meramente competitiva ou uma força de partida. (Em todo o caso, sempre se está melhor do que no esquema clássico, em que as alternativas são forçar partida *ou passar*).

Finalmente, note-se como existem duas maneiras de fazer um Stayman, bem como de anunciar uma mão com força para 3ST. A maneira directa *mostra* pega no naipe adversário, ao passo que a diferida (passando por 2ST) *nega* essa mesma pega, o que deixa o abridor devidamente informado sobre o rumo a dar ao leilão. Importa referir que existe outra versão do Lebensohl, com os significados trocados relativamente a estas vozes, i.e., as vozes directas é que negam pega (*“rápido nega”*). A versão aqui apresentada (*“rápido mostra”*) é talvez mais popular e parece-me preferível por duas razões: menor risco de esquecimento quando o respondente dá 3ST directo, e maior coerência com o facto de 2ST ser a voz reservada às mãos “piores” (já que sem dúvida é pior *não ter pega* do que tê-la).

Dispondo deste esquema, as mãos 3 e 4 seriam anunciadas começando com 2ST seguido, respectivamente, de 3ST e de 3. O abridor sabe agora avaliar bem quando é que faz sentido concluir em 3ST, ou procurar contrato mais promissor.

Observe-se, a este respeito, que a sequência da mão 3 mostra sempre algum comprimento nos menores (já que não houve Stayman, nem dobre punitivo), pelo que o abridor não deve ter receio de “fugir” para 4 num menor mesmo com apenas 4 cartas. Outra alternativa é sugerir um contrato em fit 4-3 em espadas (por exemplo com RDV3 V7 A1073 AD4; o respondente saberá corrigir para um menor quando adequado, nomeadamente quando não tiver três espadas).

No caso de uma sequência de Stayman como a da mão 4, o abridor também pode procurar uma fuga em menor, e não é de excluir que, numa mão com 3 boas espadas e doubleton a copas, “finja” estar fitado a espadas (por exemplo: RV8 V7 AD103 AV42).

3. Resposta a dobre de chamada sobre abertura natural ao nível 2.

Esta é uma situação em que também já muitos jogadores adoptaram um esquema de respostas “tipo Lebensohl”. A situação mais vulgar é a de uma abertura à nossa esquerda em 2 maior fraco (mas qualquer abertura natural ao nível 2 pode ser tratada de maneira análoga, como um 2 natural limitado dos sistemas de forte, ou um 2 natural fraco “à americana”), abertura que é seguida de *dobre* do nosso parceiro e *passee* à nossa direita. O princípio fundamental é: passar por 2ST com as mãos mais fracas, marcar directamente com as mãos mais fortes. Porque a situação é bastante distinta da anterior, há algumas diferenças a assinalar, sendo o esquema completo o seguinte:

- vozes naturais *fracas* ao nível 2 (nos naipes possíveis);
- 2ST artificial, *pede* ao parceiro para marcar 3, com as seguintes continuações possíveis:
 - ⇒ *passee*: mão fraca com ;
 - ⇒ *novo naipe ao nível 3* = natural, sendo *fraco* se o naipe não estava disponível ao nível 2, e sendo *convite* no caso contrário;
 - ⇒ *cue-bid*: 4 cartas no(s) maior(es) não anunciado(s), *sem pega* no naipe adversário;
 - ⇒ *3ST*: natural, mas *sem pega* no naipe adversário;
- novo naipe directo ao nível 3: natural, sendo *convite* se for *sem salto*, e sendo *forcing* se for *com salto*;
- *cue-bid* directo: 4 cartas no(s) maior(es) não anunciado(s), *com pega* no naipe adversário;
- 3ST directo: natural, *com pega* no naipe adversário.

Há que ter presente que neste caso se está a responder a uma voz de chamada, pelo que o anúncio de um naipe não mostra necessariamente grande comprimento no mesmo.

A distinção entre mãos fracas, de convite e fortes é neste caso um pouco mais complexa que na situação anterior, e presta-se a confusões se a situação não tiver sido bem discutida. A diferença fundamental é que as vozes *sem salto* ao nível 3 são positivas, mas não *forcing*; por exemplo, (2)-dobro-(passo)-3. Quando o naipe a anunciar está disponível ao nível 2 (por ser mais caro do que o da abertura), as mãos *fracas* marcam directamente a esse nível, as de *convite* passam por 2ST seguido da marcação do naipe, e as fortes marcam *directamente* ao nível 3 (com salto).

Outro aspecto que merece ponderação é o facto de, ao contrário da abertura em 1ST, o dobre de chamada ser *ilimitado* em termos de força. A consequência imediata deste facto é que, se a resposta ao dobre for um 2ST Lebensohl, o jogador que dobrou *não é obrigado a responder 3* se tiver uma mão *forte demais*. Se for esse o caso, ele pode e deve “desrespeitar” o Lebensohl, utilizando outra voz adequadamente descritiva (ou em recurso o *cue-bid* do naipe de abertura).

Na verdade, o esquema acima apresentado não pode considerar-se completo. Nomeadamente, há certos tipos de mãos *fortes* que, pelo facto de as vozes ao nível 3 sem salto serem *não forcing*, são difíceis de anunciar. Por exemplo, o que fazer com uma mão forte com 5 ou mais copas, após 2-dobre-passo? Se a força for apenas de *partida*, pode marcar-se directamente 4, mas como é que se estabelece um convite a cheleme? (Repare-se que, com um naipe de espadas sobre abertura em copas, o problema não existe, pois dispõe-se de 3 directo *forcing*).

Uma maneira de tratar esse tipo de mãos é incluí-las no *cue-bid* “*Stayman*”, que portanto deve ser considerado como uma voz de significado mais geral, podendo abranger mãos fortes com mais de 4 cartas no maior não anunciado. As mão fortes com naipe *menor* (fortes demais para se contentar com o contrato de 3ST) não levantam o mesmo tipo de problema, pois as vozes *directas* de 4 em menor podem e devem ser usadas como naturais e *forcing* (convite a cheleme).

Há algumas situações de defesa contra o 2 multicolor que podem também ser tratadas por um esquema “tipo Lebensohl” como o apresentado, nomeadamente a resposta a uma voz directa de chamada, quer ela seja dada “no curto” (por exemplo, 2 a mostrar uma mão de chamada curta a espadas) ou, conforme a tendência mais moderna, “no longo” (sendo 2, na mesma sequência, usado para mostrar uma mão de chamada com 4 ou mais espadas e curta a copas). Mesmo a resposta a um *dobre* directo da abertura (geralmente usado para mostrar uma mão balanceada de 12-15) pode e deve seguir um esquema do mesmo tipo (com a *nuance* de se poder frequentemente passar ao dobre, sem que isso tenha o significado de uma *transformação punitiva* como na resposta a um dobre de chamada sobre voz natural).

3. Resposta a uma inversa do abridor.

Outra situação em que já vai sendo frequente ver os jogadores adoptarem um 2ST “tipo Lebensohl” é em resposta a uma inversa do abridor (ao nível 2), como por exemplo 1-1-2. Curiosamente, trata-se de uma situação de leilão construtivo sem interferência, ao contrário das anteriores. Mas também aqui é de grande utilidade dispor de um 2ST artificial para diferenciar a força de certos tipos de mãos do respondente, principalmente as mãos fitadas num dos naipes do abridor. Efectivamente, é de todo o interesse dispor da possibilidade de anunciar um fit *forcing* sem passar o nível 3 e sem ter que complicar o assunto com a interposição de uma “4ª cor forcing”.

O facto de não haver intervenção adversária significa também que não há um naipe “inimigo” em relação ao qual se deva investigar se existe ou não *pega*, para efeitos de jogar em sem trunfo. Mas na prática é *quase* como se o houvesse, pois, tendo sido anunciados naturalmente três naipes (excepto no caso das inversas após 1ST do respondente, como 1-1ST-2), o “4º naipe” é automaticamente considerado como o naipe “perigoso”. (A diferença fundamental em relação aos casos já analisados é que aqui ainda se pode vir a encontrar um fit e marcar um contrato nesse naipe).

Um esquema geral pode ser o seguinte:

- remarcação natural do naipe do respondente ao nível 2 (5 cartas ou mais, forcing 1 volta);
- 2ST artificial, *pede* ao parceiro para marcar 3, com as seguintes continuações possíveis:
 - ⇒ *passe*: mão fraca com (ou fitada a se for o naipe de abertura);
 - ⇒ *apoio ao nível 3* = natural, *fraco*;
 - ⇒ *4º naipe*: pedido de *pega* para jogar em sem trunfo;
 - ⇒ *remarcação do naipe do respondente*: 6 cartas, forcing;
 - ⇒ *3ST*: natural, limitado a 9 H;
- apoio directo ao nível 3 (de qualquer dos naipes do abridor): natural, *forcing*;
- 4º naipe directo: *natural*;
- remarcação *directa* do naipe do respondente ao nível 3: naipe (semi-)sólido, forcing;
- 3ST directo: natural, 10-11 H.

Tendo esta situação características muito diferentes das já analisadas, há alguns aspectos merecedores de uma atenção particular.

Em primeiro lugar, note-se que a distinção entre 3ST directo e diferido é feita em termos de força (e não de *pega* no último naipe). Coerentemente com o princípio do Lebensohl, a voz directa é mais forte, permitindo ao abridor com uma “boa” inversa optar por avançar para cheleme.

A inversa do abridor mostra no mínimo cerca de 16 H (eventualmente menos, com um bicolor pronunciado), e na prática pode considerar-se *ilimitada* superiormente. Isto significa que também neste caso o abridor *pode desrespeitar o Lebensohl*, “recusando-se” a rebidar meramente 3 sobre o 2ST do parceiro, e estabelecendo uma situação forcing de partida. Por outro lado, pode parecer ilógico rebidar 3 quando esse for o único naipe não falado, como em 1-1-2. Mas mesmo neste caso o abridor deve obedientemente dar essa voz, se tiver uma inversa mínima que aceite jogar 3 face a uma hipotética mão fraca do respondente com grande comprimento a paus. (Por exemplo, com R4 AD53 ADV92 106 face a V765 83 4 RD7432, a sequência 1-1-2-2ST-3 permite atingir o bom contrato).

A utilização da remarcação simples do respondente como *forcing 1 volta* e podendo ter só 5 cartas é talvez pouco “clássica”, mas simplifica bastante o leilão, permitindo muito facilmente encontrar o fit 5-3 sempre que ele exista, e preservando a possibilidade de, no caso contrário, o respondente dar um fit tardio num menor do abridor. Por outro lado, mantém-se ainda a possibilidade de parar o leilão antes de partida, quer passando a vozes naturais mínimas do abridor (2ST, remarcação do primeiro naipe, apoio simples), quer remarcando ao nível 3 sobre uma dessas vozes.

Também pode soar como estranha, nesta era de “4ª cor forcing”, a sugestão de jogar o 4º naipe directo como *natural*. Mas, atendendo a que essa voz não é necessária para estabelecer uma situação forcing (pois quer os apoios directos quer as remarcações já são forcing), nem para pesquisar a existência de *pega* no último naipe (o que é feito diferidamente, anunciando o 4º naipe depois de dar 2ST), faz todo o sentido possibilitar *sem ambiguidades* a procura de fit nesse último naipe. Nos casos em que o leilão já tenha excluído a possibilidade de

4 cartas nesse naipe por parte do abridor, deve considerar-se que a voz do respondente promete 5 cartas, como na sequência 1-1-2-2; noutros casos, a possibilidade de fit 4-4 ainda está em aberto (como em 1-1-2-2).

Importa salientar que o caso de o 4º naipe ser *paus* (1-1-2) necessita de ser tratado como excepção, pois, após 2ST seguido de 3 do abridor, o respondente já não pode marcar o 4º naipe a pedir pega. Neste caso, e só neste, a voz directa em 3 tem que manter-se, infelizmente, como voz ambígua do tipo “4ª cor forcing” (o que torna mais complicado detectar um eventual fit a , que pode inclusivamente ser 4-4). (Outra hipótese seria, neste caso específico, usar 2ST seguido de 3ST para a mão “sem pega a paus”, mas não deixaria de ter que ser tratado como excepção).

4. O 2ST “Good-bad”.

Uma convenção que vem sendo popularizada por alguns jogadores americanos de topo, entre os quais o bem conhecido Marty Bergen (em “*Better Bidding with Bergen*”, vol. 2), é o 2ST “Good-Bad”. Trata-se de uma utilização artificial *pelo abridor* do rebid de 2ST em certas situações competitivas, dentro de um espírito que se enquadra perfeitamente com o princípio do Lebensohl.

Para compreender o sentido da convenção, consideremos o seguinte conjunto de mãos:

Mão 5	Mão 6	Mão 7	Mão 8
92	92	A	2
A5	R5	85	85
ADV1084	ADV10842	ADV84	ADV84
AD10	D10	AD1065	AD1065

Em todos os casos, ninguém vulnerável, abrimos em 1, e sobre 1 do nosso parceiro o adversário da direita mete 2. Que fazer?

Com a mão 5 não temos problema em rebidar 3, a mesma voz que daríamos sem a intervenção. Mas com a mão 6, bastante mais fraca, também *apetece* competir em ouros.

Com a mão 7 não temos problema em rebidar 3, embora sem a intervenção provavelmente nos contentássemos com 2. Mas com a mão 8, bastante mais fraca, também *apetece* mostrar o bicolor, embora com objectivos meramente competitivos.

Mesmo havendo o entendimento de que, sobre uma intervenção, os requisitos para um rebid ao nível 3 por parte do abridor possam ser um pouco *atenuados*, o que não pode esperar-se é que esse rebid possa ser usado *indiscriminadamente* para mostrar mãos fracas e fortes, e que o parceiro saiba participar inteligentemente no leilão em todos os casos (quer ocorra ou não mais competição adversária).

Ora bem, o 2ST “Good-Bad” consiste precisamente em, neste tipo de situação, usar a voz de 2ST pelo abridor para mostrar um unicolor ou bicolor *fraco* (entenda-se fraco em pontos de honra, mas com distribuição suficiente para competir ao nível 3), sendo as vozes directas ao nível 3 usadas com as mãos mais fortes (ou seja, as vozes directas são “*good*”, as diferidas são “*bad*”, o que é coerente com a tendência geral do Lebensohl).

Como reage o respondente a uma destas vozes de 2ST? Em primeiro lugar, ter presente que pode não ser claro o tipo de mão que o abridor efectivamente tem (unicolor ou bicolor). Mas, de qualquer modo, é lógico que o respondente também não é “obrigado” a responder 3, podendo e devendo dar outra voz sempre que a força da mão o justifique ou, mesmo estando fraco, quando queira fazer uma preferência antecipada perante um hipotético bicolor do seu parceiro. Por exemplo, com D7653 1094 R53 R7 a resposta correcta após 1-(passo)-1-(2)-2ST-(passo) é 3, quer a mão do abridor seja do tipo da mão 6 ou da mão 8.

Pode o 2ST “Good-Bad” ser usado *também* para diferenciar a força de mãos *fitadas* no naipe do parceiro? Pessoalmente, não me parece recomendável. Se os adversários competirem mais (o que, neste tipo de situação, ocorrerá com grande frequência), quando quisérmos esclarecer que estamos fitados já o leilão pode ter atingido níveis estratosféricos. Portanto, como princípio, sugiro que a voz de 2ST seja reservada estritamente aos bicolores e unicolores competitivos, e que as mãos fitadas sejam anunciadas directamente de forma adequada (naturalmente ou por um *cue-bid*).

Quando é que a convenção é aplicável, isto é, quais são as potenciais situações de “Good-Bad”? Cada parceria poderá adoptar diferentes regras e excepções. A regra que gosto de seguir é: após abertura em 1 na cor, o rebid pelo abridor sobre voz adversária ao nível dois é uma situação de “Good-bad”, com as seguintes *excepções*: (a) o parceiro apoiou o naipe de abertura; (b) o parceiro deu uma voz forcing de partida. Eis alguns exemplos:

- 1-(passo)-1ST-(2)
- 1-(2)-passo-(passo)
- 1-(1)-passo-(2)
- 1-(dobro)-1ST-(2)

É preciso não esquecer que, quando o abridor tiver uma mão com que daria 2ST natural (cerca de 18 H balançados com pega), terá que encontrar uma voz de substituição (nomeadamente dobre ou 3ST). Mais uma vez fica patente que se aceita “piorar” o sistema para um tipo de mão menos frequente desde que a contrapartida seja “melhorá-lo” para tipos de mãos mais frequentes. No caso presente, a adopção do “Good-Bad” traduz-se pela possibilidade de competir mais frequentemente com aberturas mínimas distribucionais, sem estar a “enganar” o parceiro quanto à força da mão.

5. Outras situações.

Há muitas outras situações, principalmente competitivas, em que faz sentido adoptar também um esquema “à Lebensohl”. Sem aprofundar, mencionarei as seguintes:

- resposta a uma *intervenção* em 1ST seguida de voz adversária ao nível dois (com a particularidade de, no caso de esta voz ser em novo naipe, ser esse o “naipe adversário” a considerar, pois quanto ao naipe de abertura já a voz de 1ST mostrou haver pega);
- resposta a dobre de chamada sobre abertura em 1 na cor, seguido de apoio, como em (1)-dobro-(2); ter presente, no entanto, que o respondente ao dobre não é obrigado a falar com mãos fracas;
- resposta, pelo abridor, a dobre negativo sobre intervenção em barragem ao nível 2, como em 1-(2)-dobro-(passo).